

História Oral de Maria de Lourdes França Camargo

Museu: Eu queria que a senhora falasse um pouco da sua avó, que também era uma costureira, não é?

Maria: Minha avó, mãe do meu pai, que era lá do interior. Lá de Mogi Mirim. Era ela e a irmã dela. Até a irmã dela era avó da Vera. A minha avó, era avó da irmã da Vera e elas moraram sempre juntas. Ficaram viúvas, com a mãe delas também. A mãe dela também costurava, que era minha bisavó. Então, elas faziam só roupa de homem, não fazia para senhoras. Então vinham aquelas gentes do sítio fazer roupas, elas faziam muito bem, sabe! Muito bem costuradinho. Mas só roupa de homem, tanto a mãe delas, como elas também. A minha avó. Até eles falavam aquele tempo parelho, porque não era terno, eram só as duas peças, calça e paletó. Porque daí eu parei de fazer, era só duas peças. Ela sempre costurava assim...

Museu: Colete, não usava?

Maria: Usava. Também fazia. Colete... esse pessoal mais simples não fazia tanto colete, eram mais as pessoas bem colocadas. E a avó do meu pai que era a mãe delas, costurou... criou os filhos costurando. Disse que naquele tempo não havia máquina, depois de muito tempo ainda ela comprou uma máquina de mão com manivela. Depois que veio a máquina de pé... pedalar... E... disse que ela costurava divinamente, mas à mão. Fazia as roupas, assim, para aquelas pessoas mais importantes, mas sempre roupas de homens, caprichadinha. Ela era muito religiosa, ela levava a costura para arrematar lá no fundo do quintal, aquele quintalão, lá em Mogi Mirim e levava costura, ficava rezando, e assim... aquela vida sossegadinha das pessoas do interior. E ela criou as filhas costurando e as filhas também continuaram. Meu pai foi alfaiate, quer dizer que... é uma... se for ver a árvore genealógica é tudo costureiro.

História Oral de Rosaura Street

Museu: É importante saber um pouco da tua origem também. E seu pai o que fazia?

Rosaura: Meu pai foi um grande industrial.

Museu: O Jorge Street? Nossa, que surpresa! Eu não sabia.

Rosaura: Não?

Museu: Foi uma pessoa muito importante pra cidade de São Paulo, pra história de São Paulo.

Rosaura: Ele foi. Teve uma moça que estava fazendo doutoramento, a tese dela foi sobre a obra do meu pai, e ela vinha muito aqui me entrevistar, mas não gravava.

Museu: É, não dói nada, né?

Rosaura: Não, não dói. (risos)

Museu: Eu sei porque eu fiz um trabalho sobre a história da Universidade de São Paulo, e ele

foi citado, porque a Universidade chegou a ocupar alguma casa.

Rosaura: Ele foi do serviço social aqui, não é? Em 1918 ele inaugurou a fábrica.

Museu: Do que era a fábrica?

Rosaura: Ele tinha uns três mil operários em uma que era de juta e tinha uma outra de 1700 operários que era de algodão, que era a Maria Zélia, a fábrica Maria Zélia onde tinha toda a parte assistencial.

Museu: A Sra. sabe me dizer a nacionalidade dos operários dessas fábricas?

Rosaura: Bom, os operários, a maioria era italiano. Ainda outro dia eu estava com umas fotografias na mão... que tinha creche... tinha creche, jardim da infância e escola, e as mães, as operárias tinham hora pra vir amamentar as crianças porque era tudo perto, era uma área grande. Eu tenho a fotografia delas amamentando as crianças. Tudo louro,

claro... tipo estrangeiro mesmo.

Museu: Seu pai era filho de imigrante?

Rosaura: Meu pai... o meu avô era engenheiro. Ele veio para construção de estradas de ferro aqui, contratado pelo imperador.

Museu: De origem inglesa?

Rosaura: De origem inglesa e formação francesa.

História Oral de Romilda Vidal Melhado

Museu: Ele já era casado?

Romilda: Não. Solteiro. Aí ele entrou nessa indústria. Minha mãe também era moça, trabalhavam lá, se conheceram e lá casaram. Ele trabalhou 35 anos na mesma indústria.

Museu: Na família Jafet?

Romilda: Na família Jafet. Ele se aposentou nessa firma da família Jafet.

Museu: Era a família mais poderosa ali do Ipiranga, não era?

Romilda: É. Tinha os Assad também, mas era tudo primas com primos que casavam, entre famílias. Assad, Jafet, Maluf. Eram tudo da época, mas eles casavam entre parentes. Se bem que... voltando... quando meu avô veio da Espanha prá cá, para o Brasil, toda aquela família espanhola que vinham junto, praticamente eles casavam entre si. E meu pai, já tinha... veio prometido prá uma espanholinha, também. Eles se casavam todos com... as 3 meninas que vinham no navio. Só meu pai que casou com uma brasileira. Quer dizer, brasileira, filha de italiano... de italiana.

Museu: A sua mãe também trabalhava?

Romilda: Sim, trabalhou.

Museu: Na mesma indústria que seu pai?

Romilda: Ela saiu.

Museu: Até chegar o primeiro filho?

Romilda: Até chegar o primeiro filho e o segundo, que eu só tenho uma

irmã. Duas filhas. Quando eu tinha 6 aninhos, ela começou... ela foi trabalhar e me deixava com famílias tomando conta de mim. A minha família toda... as mulheres, sempre trabalharam.

Museu: Eu gostaria de saber se o salário que pagavam naquela época, para um operário, dava para ter uma vida razoável? Era suficiente para manter a casa?

Romilda: Prá manter a casa... A minha mãe sempre conta que meu pai ajudou sempre com música. Que quando eu nasci, ela achava que o meu nascimento ia ser difícil e ele com dinheiro de música, o extra, ele ajuntou um dinheiro para poder pagar a..., naquela época não tinha hospital. Era a parteira, que falavam, né? E ... mas foi tudo bem, a parteira cobrou barato, aquele dinheirinho sobrou, então, ele deu entrada numa casinha. E ficou pagando prestação da casa. E assim, consecutivamente foi...

adquiriu uma casinha, depois adquiriu outra com a minha mãe sempre trabalhando. Quando eu completei 15 anos, eu fui prá Casa Cosmos e minha mãe saiu, parou de trabalhar.

História Oral de Anita Concetta

Museu: E depois do grupo escolar a senhora foi para outra escola, ou não?

Anita: Não... aí eu fui... porque eu estava contando para a Vanda... era o seguinte... antigamente, os pais não faziam muita questão que os filhos estudassem. Minha mãe dizia para mim: ‘Se você não quer estudar, você vai aprender alguma coisa.’ Então... eu achava... e aprendi um ofício. Seria ou corte e costura ou tricô, você entende... Então, eu fui aprender corte e costura, mas, como corte e costura, eu não gostava de costura, nunca gostei. Até hoje eu não gosto de costura. Então, eu fui trabalhar

na... eu não tinha nem idade, minha mãe conseguiu que eu fosse trabalhar na Casa Cosmos, era uma loja... era uma Casa de... na Rua Direita... de...

Museu: Camisaria?

Anita: É. Roupas de homens. Como hoje seria o Minelli, uma casa muito boa na época, boa mesmo. Então eu fui trabalhar lá.

Museu: Como costureira?

Anita: Não. Eu fui trabalhar no estoque. Mas, eu... engraçado, eu não levava nada muito a sério naquela época, tinha 12 para 13 anos, eu não tinha nem documento e naquela época precisava tirar documento do juizado para você poder trabalhar e minha mãe foi, tirou autorização do juiz para poder trabalhar e eu fiquei lá 2 anos e todo mundo gostava de mim na época, porque eu era muito alegre, muito... assim... todo mundo gostava de me chamar de Anitinha, Anitinha... porque

eu era muito pequena. Eu era uma das menores da loja. Eu trabalhava no estoque, mas tinha acesso à loja. Então, todo mundo gostou de mim. Aí... eu não quis mais ficar lá, então saí.

História Oral de Sang Ag Kang

Museu: Nessa época os coreanos já estavam começando com confecção ou ainda não?

Sang: Uma ou duas família tava fazendo, assim, pequena, mas eles não sabiam tirar modelo entendeu. Mas, como meu pai é alfaiate, entrou bem e começaram fabricar e a blusa, entendeu. Então, aquele época, coreano, só tive que passar tudo na minha casa pra sobreviver ao início da imigração. Levava roupa, batia casa a casa, batia porta e vendia essa roupa. Tem gente que ganhava bem entendeu e deu pra sobreviver.

Museu: Quem vendia? Você

ajudava vender também?

Sang: Não.

Museu: Não?

Sang: Então, todos coreanos, as mulheres que levava da minha casa entendeu, quer dizer que nós era, meus pais era atacadista, fabricante, direto fabricante, não é atacadista, fabricante, então pessoal retirava da minha casa e vendia, tem gente assim que levava no kombi cheio de roupa e vendia interior entendeu né, vendia no interior pra japoneses porque aqui ocasião não falava bem português, então eles falava japonês, então casa a casa também maioria das pessoas visitava japoneses, porque senhoras que falava japonês, entendeu, porque idade dos meus pais falam tudo japoneses. Então, eles vendia para casa do japoneses, não vendiam assim brasileiros, né. Então, quer dizer que fabrica bordados, assim, fábrica de, assim, blusa de bordado ou cobertores e, assim, diante que

imigração que nós começamos.

Museu: A sua mãe ajudava também no bordado?

Sang: É lógico, né. Aquele época... Bordado não, bordado só eu que fazia, entendeu, só eu que fazia porque uma máquina, né. Eu que fazia, costurava, mandava fora, minha mãe costurava, às vezes, né, e meus... E aí começou meu pai também trabalhar com esse ramo de confecção pra... Acho que imigração começou confecção por aí...

História Oral de Mario Kang

Mario: Bom, depois como meu pai tinha, ele era técnico, ele entendia, ele tinha fábrica de bolsa, teve né, depois ele tinha metalúrgico. Então chegamos aqui começamos fabricar bolsa da senhora, porque ele entende, ele engenheiro sabe, aí trabalhando, começamos isso em sessenta seis, sabe, é uma fábrica de bolsa, trabalhamos uns 2, 3 anos. Depois o

meu sogro, atual sogro né, era amigo do meu pai, ele tinha essa confecção, ele fabricava camisa também, ele tinha muita dificuldade de comprar entretela. Aí ele falava pra meu pai: ‘puxa, por que você não fabrica colarinho?’, colarinho parte que vai a entretela, que vai interno da camisa, porque ele sabe que meu pai consegue fazer máquina sabe essas coisas. Porque ele ia comprar, fazia pedido levava 2 ou 3 meses para receber, então meu sogro diz: ‘não, esse negócio dá certo, isso pode fazer’, aí meu pai foi junto com o meu sogro dentro dessa fábrica, essa fábrica ainda existe, nosso concorrente hoje, aí chama-se Herkulizada né, foi lá entrou...

Museu: Herkulizada?

Mario: É.

Museu: É uma fábrica de entretela muito grande?

Mario: Sim, aí meu pai foi lá, ele olhou as máquinas, ele foi umas

duas, três vezes e começou fabricar essa máquina. Sim, o meu pai é uma pessoa muito especial para essas coisas, tanto que nós temos a nossa fábrica que fica em Fortaleza, hoje né, muitas máquinas aliás, 90% das nossas máquina feita por nós mesmo, porque essas máquinas não existe só têm europeus lá muito caro sabe, aí isso em sessenta, sessenta e nove...

Museu: Desenvolveram, desenvolveram essa máquina?

Mario: Sim, copiamos né, vimos máquina, meu pai, não pudemos levar máquina fotográfica né, fotografando com os olhos e ele fez essa máquina...

Museu: Hum.

Mario: Sabe. Sim, fazia colarinho, aí começamos em 69, entretela, exato. Aí comprava, naquela época comprava entretela e fabricava só colarinho, com o que vai dentro da camisa, ainda eu fabrico isso, e agora...

Museu: Ainda fabrica?

Mario: Sim, aí 69 começamos esse ramo de entretela em, trabalhámos durante quanto tempo? Quatro anos em São Paulo, naquela época o governo lançou um programa Sudene, aliás existia naquela época né, com incentivos fiscais quando ia construir a fábrica, também isenção do imposto de renda, sabe. Então me aventurei, sabe, e indo para Fortaleza. Eu fui pra Fortaleza em setenta quatro, porque Fortaleza? Em, quando casei, eu casei quando em? Ah. 73 eu casei, eu fui lua-de-mel. Nessa época já estava trabalhando com entretela, eu conheço o Brasil, todo o Brasil, vendendo colarinho, sabe ponta-a-ponta.

História Oral de Eidi Poletti

Eidi: [...] Mas aqui, eu acho, não sei, tem muita gente de muito sucesso com confecção. Eu não tive essa felicidade porque eu tive durante 17 anos confecção e depois do Plano

Collor, tudo isso foi assim que água abaixo e o Brasil é um país que eu acredito que nunca passou por uma guerra, mas a gente está sempre como se fosse um pós-guerra, sempre em crise e a gente tem tudo aqui. Nós não teríamos que estar sempre nessa crise, sabe, recomeçando. Recomeço de quê? Nós temos tudo aqui. Né... mas, eu vejo que... e a minha vida sempre foi assim, um recomeço. E com essa invasão, com essa abertura que houve que o Collor fez... houve uma invasão muito grande de produtos importados e que nós não tínhamos, nós confeccionistas aqui do Brasil, não tínhamos condições e nem maquinário para poder abrir essa... fazer uma concorrência. Agora, eu acredito que vá ser tomada uma providência, né, que teve muita queda tanto na indústria têxtil como na confecção. A mão-de-obra chinesa é uma coisa assim irrisória. Então você compra uma mercadoria americana, entre aspas,

porque tudo é feito fora e você compra muito barato, muito barato. O nosso dinheiro, em relação ao dólar, a um tempo atrás estava um pouco acima... que eu acho tudo entre aspas, que eu acho que nunca esteve... mas isso me levou a começar a comprar mercadoria lá fora e revender aqui, sabe, então essa... essa parte ficou um pouco frustrada, sabe, mas foi a forma que eu encontrei de sobreviver, porque nisso a minha criatividade, sabe, só me deu uma coisa que eu acho que foi muito importante; um conhecimento maior, me abriu mais para isso que eu faço...

História Oral de Wilge Gualberto

Museu: E você gostava de trabalhar com costura?

Wilge: Não, mas era a melhor opção que eu podia ter, por causa de documentação, por causa de outras coisas. A língua, eu não falava

muito bem ainda, essas coisas assim. Aí, fui aprendendo, mas era muito puxado o serviço, era todos os dias, das oito à meia-noite.

Museu: Das oito à meia-noite?

Wilge: Sim.

Museu: E eles pagavam bem, por essas peças que se costurava?

Wilge: Era como se trabalhasse por conta, era por peça.

Museu: Era por peça?

Wilge: Era. Aí, você trabalha... se você quiser ganhar mais, você trabalha mais. Mas nós trabalhávamos até meia-noite, era muito puxado. Quando foi dois anos, eu já não aguentava mais trabalhar dessa maneira, aí, eu saí.

Museu: Com relação à documentação, durante esses dois anos, como vocês fizeram?

Wilge: Durante esses dois anos, não... Como é na casa de bolivianos

ou coreanos, não precisamos de documentação, porque é interno, é... nós trabalhamos lá, dorme, come, tudo lá na casa. Mas, por exemplo, se tivéssemos que alugar uma casa, ou coisa assim, já a documentação é um obstáculo, não tinha como ter obstáculo. Por isso, a melhor opção era trabalhar...

História Oral de Rudecindo

Mendez Marupa

Rudecindo: [...] quando cheguei ao Brasil não foi muito boa a experiência, trabalhei três meses em uma oficina de costura, lamentavelmente não me pagaram os três meses. Trabalhava desde as cinco da manhã *hasta las diez de la noche* [até às dez da noite] na costura, aprendi a costurar porque nunca havia costurado, isso é oval, isso é reta... e me davam *dez reales* [dez reais] semanais para que... Como dizem *acá* [aqui]?

Museu: Ajuda de custo?

Rudecindo: No... [incompreensível]

Museu: Vale transporte?

Rudecindo: Dão... lá na Bolívia diz “*antecipo*”.

Museu: Ah sim, pagamento adiantado.

Rudecindo: *Sí* [Sim], dez *reales* [reais] eles me davam, *semanales* [semanais].

Museu: Um vale que...

Rudecindo: Sim, um vale, isso. Me davam dez *reales* [reais] de vale, mas durante três meses eu recebi trinta *reales* [reais].

História Oral de Verônica Quispe Yujra

Verônica: [...] Então, no começo, a minha intenção do projeto era essa. Fazer democratização, democratizar informação e fazer com que as pessoas entendam que podem fazer ensino público aqui. Porém, o meu grande público que começou a ir para o

atendimento não foram as crianças que já estudavam aqui, ou jovens que já estudavam aqui. Na verdade, foram as pessoas recém-chegadas, jovens e adultos recém-chegados que falavam para mim: ‘nossa, eu trabalho como costureiro, mas eu era eletricista. Posso ser eletricista aqui?’. E aí que eu fui identificando que sim, você pode, mas o que você precisa para isso? Aí, tem toda a via sacra de ‘ah, você tem documento?’. Tem que tirar documento. ‘Ah, você fala português?’. Não. ‘Então você vai ter que falar português.’. Aí criei o curso de português. ‘Ah, você tem documento agora, você fala português agora, você tem carteira de trabalho?’. ‘Não’. ‘Então agora vamos para a carteira de trabalho’. Então, foi abrindo o leque das atividades que eu percebi que esses jovens e adultos também precisavam para conseguir se inserir no mercado ou retomar os estudos. E aí foi sendo consolidado esse grupo, que hoje é um pequeno coletivo, que continua

se chamando projeto ‘Si, yo puedo!’”.

História Oral de Rocio Quispe Yujra

Rocio: [...] E aí, eu falei: “Não, eu vou trabalhar com minha mãe”. Então, eu saía de casa, ia para a casa da minha mãe, grávida mesmo, ou ia para Kantuta. Aí, a Praça Padre Bento começou a ser disputada e num diálogo a Feira da Kantuta foi para a Praça Kantuta, e aí, eu me lembro também que eu comecei a trabalhar na Praça Kantuta, eu vendia as roupas da minha mãe. Minha mãe vendia tudo, minha mãe vendia blusas de frio, ponchos, aguayos, tinha uma barraca de artesanato e uma barraca de cereais na Feira Kantuta. E aí, eu ficava na barraca de artesanato, e aí, eu ficava todos os domingos lá vendendo.”

Rocio: [...] A Verônica criou o coletivo Sí, Yo Puedo! que é um coletivo voltado ao acesso à educação, ou seja, onde a

gente passava essas informações pela nossa experiência como os migrantes, ou como os indígenas Aymaras e Quechua presentes nessa praça ou que frequentavam a praça, poderiam entrar nas escolas técnicas ou nas escolas de ensino superior aqui em São Paulo, porque naquela época que ela começou o projeto, muitos da nossa comunidade pensavam que a escola era particular ou que a gente não tinha o direito de acessar esses cursos. Então, isso acabava fazendo com que a gente continuasse trabalhando nas oficinas de costura, não tivesse uma formação e não entrasse no mercado de trabalho formal. Então, eu acho que todas as minhas experiências fizeram com que, de alguma forma, eu entendesse que se foi bom para mim, era bom para as outras pessoas, então, a gente se reunia aos domingos para fazer essa orientação com a comunidade.

História Oral de Rocio del Pilar Bravo Shuña

Rocio: Então eu acho que isso também é um ganho deste grupo de mulheres, esta participação de tanto Angelita como o meu, de alguma forma essa força e visibilidade que a gente conseguiu, a Frente de Mulheres Imigrantes Refugiadas conseguiu nesses últimos tempos, essa visibilidade. Olha, vamos a fazer, essas são as mulheres de diferentes coletivos, não com a bandeira mais de coletivo ONG mas do fato de vamos discutir sobre as mulheres, vamos discutir sobre parto humanizado, vamos discutir sobre, por exemplo, as mulheres que trabalham em oficinas de costura muitas vezes vivem sozinhas, ou somente com sua família. E elas às vezes são abusadas sexualmente dentro das oficinas de costura. Então a precariedade com que as oficinas de costura estão. Agora pouco foi um

incêndio. Por quê? Porque às vezes são várias famílias *vincinadas* [vinculadas] em um lugar. Então as condições de emprego, as condições de estudo. Porque eu demorei mais de um ano e meio, mesmo eu sendo, digamos, eu tendo uma formação eu demorei um ano e meio para conseguir o título de revalidação. Mas tem outras mulheres muito *cercanas* [próximas] a mim, muito perto, próximas a mim que não conseguiram a revalidação do diploma. Acho que você conhece. Não conseguiram a revalidação do diploma. Existem muitas travas para conseguir um emprego na tua área. Afinal termina sendo subempregada. Isso também é uma dificuldade muito grande. Então outra coisa é ser mulher, sozinha num país com outro idioma, com filhos. E a dificuldade para você sair do ciclo, e eu acho também que é isso também a nossa luta. Não acho não, é isso as nossas lutas.